



IDADE D'OURO

DO BRAZIL.

Terça feira 21 de Novembro.

**Fallai em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.**

Da o Miranda.

BAHIA.

Recebemos noticias de *França* até ao principio de Setembro. Os *Alliados* fazem alli o que querem; e os *Generaes* rebeldes a *Luiz XVIII.* tem pouca força para os atacar. A *França* nesta época representa hum quadro semelhante ao de *Roma* em o Reinado de *Galba*. De hum *Jornal Inglez* extrahimos as reflexões seguintes, que pintão bem o estado da *França*. Esperavamos achar nelles algum *Decreto* do *Ri* para debandar o *Exercito de Loira*; porém aquelle *Exercito*, assim como outros dos exercitos *Francezes*, continúa a estar alienado. O seu *Quartel General* está em *Bourges*, e não he certo que *Davoust*, seu *Commandante*, haja por ora chegado a *Paris*. Duas divisões deste *Exercito* estão em *Rion*, ás ordens de *Exclemans* e *Chastel* e recusão pôr o laço branco, em quanto não receberem a resposta do *Rei* ao seu offercimento de submissão. Em quanto estas tropas se conservarem neste tom, continuão a adherir ao systema que os *Alliados* pretendem destruir, e admira muito que elles não tenham feito cessar este orgulhoso modo de estar o *Exercito* parlamentando e negociando com o seu legitimo *Soberano*: contemplação pouco airosa para quem juntou tantas forças para destruir o espirito revolucionario. Concluiu-se entre os exercitos *Austriaco* e *Francez* da *Alacia* hum *Armisticio*, que se deve estender a varias praças cercadas ou bloqueadas. A cautella que nesta *Convenção* se mostra contra qualquer expressão de lealdade, pôe *Rapp*, que a assignou, inteiramente na mesma situação que *Davoust*. Devia ir hum *Deputação* a *Paris* para consultar o *Governo*; mas não se falla no *Rei*. Publicou o *Commandante de Strasburgo* hum *Proclamação* ou *Ordem do Dia*, no sentido deste *Armisticio*. Não se deve admittir na *Praça* hum unico *Austriaco*, sob qualquer pretexto; nem deve morador algum ter communicação com hum exercito que ainda he chamado — “do inimigo.”

O objecto de todas os exercitos *Francezes* he evidentemente impôr ao *Rei*

as condições de não serem debandados, nem deslocados; que hajaõ de conservar os seus Officiaes, e que fiquem impunes e perdoados pela sua passada traição. Se S. M. Christianissima em tal consentir, pederá sim conservar o nome de Rei de *França*, mas não a authoridade, pois ficará sujeito a ser instrumento do Exercito. Que os Alliados isto soffraõ he impolitico em dois pontos de vista: primeiro, se elles desejaõ huma permanente paz, devem ser de opiniaõ que se debandem exercitos que sempre haõ de desejar guerra, e que dentro de pouco tempo obrigarão o seu paiz a entrar nella: em segundo lugar, deverão desejar anciosamente suffocar neste momento a tentativa do exercito para se constituir corpo deliberativo. No momento em que os exercitos se esquecem de que a obediencia he o seu primeiro dever, saõ infinitamente mais perigosos, do que proveitosos, á sua mesma patria e ao seu proprio Soberano. Todas estas considerações nos conduzem a este grande ponto, em que temos repetidas vezes instado, que não ha outro modo realmente seguro e efficaz para se livrarem de susto os Alliados senão encurtar a extensaõ dos territorios *Francezes*. *Bonaparte* está derribado, mas o Jacobinismo ainda não; e os Alliados devem lembrar-se que a paz da Europa foi perturbada, e as nações primeiro invadidas debaixo da influencia de Jacobinismo, e antes que se ouvisse fallar em *Bonaparte*.

Se a conducta dos Alliados o anno passado, tão magnanima, e tão desmerecida e inesperada pelos *Francezes*, não pode obter sequer por hum anno o socego, que se ha de agora esperar da brandura, da suavidade, e do bom tratamento? Certamente que nada. Só resta portanto tomar medidas taes que privem a nação do poder de fazer mal, huma vez que he impossivel tirar-lhe a intençaõ e vontade disso. — Considerem bem os Soberanos Alliados no momento presente; elles fazião muito bom conceito dos *Francezes*, e caro o tem pago. Seja esta a ultima vez, e a Europa gozará hum estado de repouso que não tem conhecido desde os dias de *Luiz XIV.* — Pode ter *Luiz XVIII.*, e nós estamos certos disso, as melhores intencões; porém isto não basta: temos provas, quasi tão fortes como se fosse escritura sagrada, que elle não pode sogigar a nação. Devem portanto os Alliados lançar mão de huma segurança fysica para o bom comportamento da *França*. Não valerá segurança alguma moral, e as boas intencões de *Luiz* tão insufficiente segurança. Não nos devemos fiar na Nação, só porque elle está á sua frente: já vimos o pouco que isto valia, e por conséguinte nos novos arranjos devem-se ao menos guardar as guarnições da fronteira. A Europa não pode estar continuamente á lerta, nem fazendo constante despeza por este motivo. A segurança he necessaria, e he hum absurdo discursar que não se deve intervir no governo interno do paiz; até mesmo o interesse deste requer essa intervenção. A lei que he applicavel a homens cordatos não serve para loucos, e não ha razão alguma de increpar a acção de vestir a camisola a hum homem privado da razão, que rasga suas proprias carnes, e ameaça as vidas de quantos o rodeaõ. Eis aqui a situaçaõ em que está a *França*, e deve por tanto ser tratado de igual modo, para segurança e beneficio de todas as outras nações, e mesmo daquelle proprio paiz, que tem por espaço de 25 sido victima de homens facciosos e perversos, até ao ponto de se achar fisicamente exaustido, e moralmente aviltado quasi sem exemplo.

Estas considerações nos ha suggerido a vista do estado presente dos Exercitos *Francezes*: talvez as tenhamos estendido muito além do que mostra o conteúdo dos Papeis de *Paris*. Passemos agora áquellas cousas que se podem

considerar, quanto ao civil, em contradicção com as noticias militares que elles nos dão. Nomeou o Rei os Presidentes dos Collegios Eleitoraes dos Departamentos e Districtos; *Monsieur* e os seus dois Filhos são Presidentes de 3 dos Collegios. Ficamos hum pouco admirados de não vermos os nomes dos Duques de *Bourbon* e *Orleans* entre os Presidentes, sem embargo de o *Monitor* de 31 nos assegurar que o ultimo "jámais fora recebido pelo Rei com mais positivos signaes de bondade, e benignidade." O notavel modo com que he dada esta noticia he proprio para dissipar os rumores de que havia alguma firmeza ou suspeita no animo do Rei a respeito do Duque. — Os Presidentes dos Departamentos e districtos parecem haverem sido escolhidos com bastante acerto; ao menos vemos poucos entre elles que tenham figurado como revolucionarios. Porém he do numero desses *Lanjuinais*, o ultimo Presidente da Camera dos Deputados!!!

Naõ vemos noticia da prizaõ de nenhum dos traidores mencionados nos Decretos do Rei: pelo contrario se diz que varios Officiaes Generaes inclusos nelles tem solicitado e obtido passaportes para passarem a paizes estrangeiros. Será este o promettido vigor de Mr. *Fouché*? Porém os seus sentimentos gyraõ agora em outra mais branda esfêra: dizem-nos que casou com hum *Senhora de Aix*, "onde viveo durante a sua proscricção por *Bonaparte*."

Bonaparte mostrou grande paixãõ por não saltar em *Inglaterra*. Este grandissimo homem podia ter evitado esta sorte, se preferisse morrer á frente daquelles homens que elle conduzia á batalha, á carniceria, e á morte. Porém fugio para salvar sua vida, e entregou-se á nossa clemencia; Clemencia nas mãos da *Inglaterra*, julgáramos em outro tempo que seria mais intoleravel que a vingança de outras quaesquer mãos, para com hum espirito tão levantado, tão rustico, e tão implacavel como *Bonaparte*. Porém o tyranno despeñado teme morrer; e põe sua alma nas mãos do seu mais aspero inimigo, pelo qual sabe não será molestado, porque este inimigo não pôde ser hum assassino, nem tão pouco expulsallo, ou confiallo áquelles que devem suas coroas e sceptros á paciência politica que tiverãõ quando suas cervizes estavaõ debaixo da espada delle, e seus Reinos debaixo dos seus pés. Deixallo pois viver! Viva para lamentar que jámais vivesse; viva para morrer tantas mortes como causou, se possivel fosse, por medo de morrer daquella morte, de que não pode escapar e que não tem animo para arrostar. Sua queda foi mais assombrosa que a sua elevaçãõ, e o seu fim he mais estranho que o seu principio.

Entrãõ neste Porto as Embarcações seguintes:

Em 13. De *Londres*, o Bergantim Inglez *Ceaser*, Mestre *Bartholomou Ash*, 59 dias de viagem, carga sortimento. Consignado a *Ralph Brown*.

Em dito. De *Liverpool*, o Bergantim Inglez *S. Anna*, Mestre *Guilherme Malcolm*, 60 dias de viagem, carga fazendas. Dono *Kenneth Pringle e Companhia*.

Em dito. De *Pernambuco*, a Sumaca *S. José Americano*, Mestre *Clemente Pedro da Costa*, 5 dias de viagem em lastro. Correspondente *Joaquim José Duarte Silva*.

Em dito. Da *Capitanía do Espirito Santo*, a Sumaca *Guia*, Mestre *José Joaquim d'Abreu*, 10 dias de viagem, carga milho, arrõs, jacarandá, fio, pano, e terçado de algodão. Dono *Jouõ Ignacio Rodrigues*.

Em dito. De *S. Matheus*, a *Sumaca Vigilante*, Mestre *José Joaquim Fernandes Motta*, 24 dias de viagem, carga farinha. Dono o mesmo Mestre.

Em 14. De *Gibraltar*, o Bergantim *Palafox*, Mestre *Manoel de Araujo Viza*, 41 dias de viagem, carga sal, e algum vinho. Dono *Antonio Pinto de Carvalho*.

Em dito. Do *Porto Alegre*, a *Sumaca Patrocinio*, Mestre *Francisco de Assis Richa Fraga*, 37 dias de viagem, carga carne, cebo, e couros. Dono *José Antonio de Siqueira Braga*.

Em dito. Do *Rio Grande*, o Bergantim *Vencedor*, Mestre *Antonio José Ferreira de Faria*, 38 dias de viagem, carga carne, couros, e cebo. Dono *João das Neves Silva e Azevedo*.

Em 15. Do *Porto Alegre*, a *Sumaca Nova Estrella*, Mestre *Antonio José de Souza Praça*, 41 dias de viagem, carga carne, cebo, e couros. Dono *José Antonio de Azevedo*.

Em dito. Do *Rio de Janeiro*, o Bergantim *Paquete*, Mestre e Dono *João Francisco d'Almeida*, 12 dias de viagem, carga fazendas da *Asia*.

Em 16. De *Gibraltar*, o Bergantim *Inglez George Little*, Mestre *Lewis Knoub*, 43 dias de viagem, em lastro de tabaco. Consignado a *José Antonio Rodrigues Vianna*.

Em dito. De *Gibraltar*, o Bergantim *Viajante*, Mestre *José Leite Craveiro*, 43 dias de viagem, carga passas, e agoa ardente. Dono *Amaro José Ribeiro Braga*.

Em dito. De *Gibraltar*, o Bergantim *Viajante*, Mestre *José Leite Craveiro*, 43 dias de viagem, carga passas, e agoa ardente. Dono *Amaro José Ribeiro Braga*.

Em dito. De *Gibraltar*, o Bergantim *Viajante*, Mestre *José Leite Craveiro*, 43 dias de viagem, carga passas, e agoa ardente. Dono *Amaro José Ribeiro Braga*.

Em dito. De *Gibraltar*, o Bergantim *Viajante*, Mestre *José Leite Craveiro*, 43 dias de viagem, carga passas, e agoa ardente. Dono *Amaro José Ribeiro Braga*.

Em dito. De *Gibraltar*, o Bergantim *Viajante*, Mestre *José Leite Craveiro*, 43 dias de viagem, carga passas, e agoa ardente. Dono *Amaro José Ribeiro Braga*.

Em dito. De *Gibraltar*, o Bergantim *Viajante*, Mestre *José Leite Craveiro*, 43 dias de viagem, carga passas, e agoa ardente. Dono *Amaro José Ribeiro Braga*.

Em dito. De *Gibraltar*, o Bergantim *Viajante*, Mestre *José Leite Craveiro*, 43 dias de viagem, carga passas, e agoa ardente. Dono *Amaro José Ribeiro Braga*.

Em dito. De *Gibraltar*, o Bergantim *Viajante*, Mestre *José Leite Craveiro*, 43 dias de viagem, carga passas, e agoa ardente. Dono *Amaro José Ribeiro Braga*.

Em dito. De *Gibraltar*, o Bergantim *Viajante*, Mestre *José Leite Craveiro*, 43 dias de viagem, carga passas, e agoa ardente. Dono *Amaro José Ribeiro Braga*.

Em dito. De *Gibraltar*, o Bergantim *Viajante*, Mestre *José Leite Craveiro*, 43 dias de viagem, carga passas, e agoa ardente. Dono *Amaro José Ribeiro Braga*.

Em dito. De *Gibraltar*, o Bergantim *Viajante*, Mestre *José Leite Craveiro*, 43 dias de viagem, carga passas, e agoa ardente. Dono *Amaro José Ribeiro Braga*.

Em dito. De *Gibraltar*, o Bergantim *Viajante*, Mestre *José Leite Craveiro*, 43 dias de viagem, carga passas, e agoa ardente. Dono *Amaro José Ribeiro Braga*.

Em dito. De *Gibraltar*, o Bergantim *Viajante*, Mestre *José Leite Craveiro*, 43 dias de viagem, carga passas, e agoa ardente. Dono *Amaro José Ribeiro Braga*.

Em dito. De *Gibraltar*, o Bergantim *Viajante*, Mestre *José Leite Craveiro*, 43 dias de viagem, carga passas, e agoa ardente. Dono *Amaro José Ribeiro Braga*.

Em dito. De *Gibraltar*, o Bergantim *Viajante*, Mestre *José Leite Craveiro*, 43 dias de viagem, carga passas, e agoa ardente. Dono *Amaro José Ribeiro Braga*.

Em dito. De *Gibraltar*, o Bergantim *Viajante*, Mestre *José Leite Craveiro*, 43 dias de viagem, carga passas, e agoa ardente. Dono *Amaro José Ribeiro Braga*.

Em dito. De *Gibraltar*, o Bergantim *Viajante*, Mestre *José Leite Craveiro*, 43 dias de viagem, carga passas, e agoa ardente. Dono *Amaro José Ribeiro Braga*.

Em dito. De *Gibraltar*, o Bergantim *Viajante*, Mestre *José Leite Craveiro*, 43 dias de viagem, carga passas, e agoa ardente. Dono *Amaro José Ribeiro Braga*.

Em dito. De *Gibraltar*, o Bergantim *Viajante*, Mestre *José Leite Craveiro*, 43 dias de viagem, carga passas, e agoa ardente. Dono *Amaro José Ribeiro Braga*.

Com Permissão do Governo.

BAHIA: NA TYPOG. DE MANOEL ANTONIO DA SILVA SERVA.